

MAUD MANNONI

A CRIANÇA,  
SUA “DOENÇA”  
E OS OUTROS

O Sintoma e a Palavra

*Tradução de*  
A. C. VILLAÇA

*Terceira edição*

GUANABARA  KOOGAN

**1,65**

## INTRODUÇÃO

### *A Psicanálise de Crianças a Partir de Freud*

A PSICANÁLISE de crianças é a psicanálise. Tal é a convicção de Freud, quando se ocupa, em 1909,<sup>1</sup> da cura de uma criança de cinco anos, atingida por neurose de fobia. A adaptação da técnica à situação particular que, para o adulto, representa a aproximação de uma criança, deixa inteiro o campo em que o analista opera: este campo é o da linguagem (mesmo se a criança ainda não fala). O discurso que se processa engloba os pais, a criança, o analista: é um discurso coletivo que se constitui em torno do sintoma apresentado pela criança. A perturbação de que se fala é objetivável (na pessoa da criança), mas a queixa dos pais, se tem por objeto a criança real, implica também a representação que o adulto se faz da infância. A sociedade confere à criança um estatuto, porque o encarrega, por sua vez, de realizar o futuro do adulto: a criança tem por missão reparar o malogro dos pais, realizar-lhes os sonhos perdidos. As queixas dos pais a respeito de sua descendência nos conduzem assim, antes de tudo, à problemática própria do adulto. Estas características se reconhecem quando, na análise, o adulto nos fala de seu passado. O que nos expõe não é tanto uma realidade vivida quanto um sonho irrealizado.

Na psicanálise tal como se constituiu de início, a infância não figurava (no que relatavam os adultos) senão a título de lembranças reprimidas. Não se tratava tanto de um passado real quanto da maneira de a pessoa situá-lo em certa perspectiva: reconstruindo sua infância, a pessoa reordena um passado

<sup>1</sup> Freud, *L'Analyse d'une phobie chez un garçon de 5 ans*, em *Cinq Psychanalyses*, P. U. F.

segundo seu desejo. Assim a criancinha, que, no seu brinquedo, reordena o seu mundo presente ou passado de acordo com a sua aspiração. Sua palavra surge então para tocar um adulto imaginário ou real (isto é, um companheiro imaginário). O discurso, que se processa na psicanálise, assim na criança como no adulto, nos remete, pois, não tanto a uma realidade quanto a um mundo de desejos e de sonhos.

Esta verdade, perdeu-a de vista, desde 1918, a primeira analista que se ocupou de crianças,<sup>2</sup> e a análise desde o começo se desenvolveu assim em duas direções opostas: numa, as descobertas de Freud são mantidas integralmente (notadamente, o complexo de Édipo e a transferência); na outra, são abandonadas para modificar uma *realidade*: a criança torna-se o suporte das boas intenções que os adultos nutrem a respeito dela.

É que o psicanalista de crianças participa da cura com seus preconceitos próprios (sua contratransferência). Acontecia já antes de Freud que o médico não quisesse entender o que a criança não somente lhe significava através de seu sintoma, mas até o que ela tentava transmitir-lhe por palavras. Freud nos dá o exemplo da tese da medicina sustentada em 1881 por Debacker,<sup>3</sup> que afastava das suas conclusões todos os dados clíni-

<sup>2</sup> Hug Hellmuth.

<sup>3</sup> Citado por Freud, *La Science des rêves* (Club français du livre), cap. VIII, p. 318. Freud cita a tese de Medicina sustentada em 1881 por Debacker: trata-se de um menino de 13 anos que, desde a idade de 11, tem noites agitadas, terrores noturnos, alucinações. O diabo lhe aparece em sonho, sozinho ou com outros, e grita-lhe: "Nós te possuímos, nós te possuímos." Nesse momento, a criança sente um odor de betume ou enxofre, o fogo queima-lhe o corpo desnudado. Põe-se a gritar: "Não, não sou eu, não sou eu, eu nada fiz"; ou ainda: "Deixem-me, deixem-me, não o farei mais." Recusa despir-se com medo de ser devorado pelo fogo. Os adultos enviam a criança ao campo durante um ano e meio. Alberto volta calmo, mas guarda a lembrança dos terrores passados. Adolescente, dá de sua doença a explicação seguinte: "Não ousava dizê-lo, mas eu sentia continuamente picadas e superexcitações nos órgãos genitais; por fim, isso me enervava tanto que muitas vezes pensei em me atirar pela janela do dormitório." Freud sublinha a vinculação dos diferentes sintomas com o desejo reprimido de masturbação: "O temor do castigo, a luta contra um desejo considerado como culpável seria", diz ele, "transformado em angústia." Ora, Debacker tinha simplesmente diagnosticado um trauma cerebral.

cos registrados pela observação. Em seu lugar, apareciam teorias médicas sem nenhuma vinculação com o discurso mantido pelo doente. Esta atitude (que se poderia, sob outras formas, encontrar em nossos dias) levou Freud a denunciar o perigo duma "falsa ciência" contrária a toda pesquisa verdadeira. Em sua tese, Debacker propunha um diagnóstico, o de anemia cerebral (teria sido a causa das alucinações demonomaníacas da criança): este diagnóstico não tinha grande relação com a história clínica do doente (estados de fobia e terrores noturnos em um menino de 13 anos). No seu relatório, o autor não levava em consideração as palavras do cliente, presentes, no entanto, à sua observação. Um não-iniciado ter-se-ia, nos diz Freud, saído melhor: teria retido as palavras da criança, presa de intensa angústia persecutória. A chave da desordem somática, Alberto deu-a no dia em que foi curado, e essa cura sobreveio no momento em que a criança pôde verbalizar o sentido de sua doença, isto é, designar com palavras o que o sintoma tinha por missão ocultar. É pelo afastamento das acusações alucinatórias que a criança fez emergir a "palavra primeira", a saber, o desejo (carregado de culpabilidade) das atividades masturbatórias. As palavras alucinadas ou acusadoras do delírio são geralmente palavras ouvidas, mas esquecidas, que deixam seu vestígio ao nível do sintoma. Em uma análise, chega-se a discernir a marca das palavras (ditas ou não-ditas) sobre o somático.<sup>4</sup> Aqui, a criança é que veio a ser o seu próprio médico.

Como clínico, Freud é atento, em primeiro lugar, ao que se expressa pelo sintoma: só esta via torna possível uma atitude analítica diante de uma neurose e, em particular, de uma neurose infantil. A partir desse ponto, as pesquisas de Freud vão seguir, notadamente, duas direções diferentes: de um lado, aprofunda o sentido do sintoma, que ele concebe como uma palavra;<sup>5</sup> mas, de outro, a crença (não-científica) na origem fi-

<sup>4</sup> Os lingüistas opõem *palavra* a *linguagem* ou *língua*, como na expressão "tomar a palavra". Aqui, a expressão é tomada no sentido em que se trata da palavra dita ou não-dita, que marcou, ou cuja ausência marcou, o sujeito. Essa marca se reencontra no sintoma, seja psicológico ou somático.

<sup>5</sup> Supõe que é em função de leis precisas que aparecem no discurso do indivíduo os efeitos dos mecanismos de substituição e de conden-

siológica das desordens psíquicas fá-lo voltar a atenção para a importância que é preciso dar ao traumatismo na gênese das neuroses (1896). No entanto, a análise dos histéricos logo o faz descobrir que a infância, de que eles discorrem, não é sempre a infância real, que os traumatismos a que eles fazem alusão podem muito bem revelar-se fictícios. Descobre, então, que uma palavra, mesmo mentirosa, constitui, enquanto tal, a verdade do sujeito: sua formulação deve ser integrada no discurso do inconsciente. As lembranças da infância e os "traumatismos" ganham sentido quando os situamos em relação ao desejo do indivíduo.

Tais descobertas não nos conduzem, assim, nem a uma infância real, nem à história do desenvolvimento do indivíduo, mas à linguagem do inconsciente. As noções freudianas foram, no entanto, muitas vezes atraídas para a pesquisa de um paralelismo psicofísico: pensava-se assim poder melhor levar-se em consideração o processo de "maturação" da criança. Analistas (Hug Hellmuth, a Escola vienense, a Escola de Zurique) acreditaram ver na teoria dos estágios de Freud e de Abraham as bases médicas de uma pedagogia, a saber, de uma psicanálise concebida essencialmente como educativa (Anna Freud). A criança, dizem os pedagogos, careceria de medidas de condicionamento ou adestramento (suas possibilidades de adaptação ao real são estudadas numa linha que vai de Pfister a Piaget, passando por Pavlov). Mas, se na sua obra Abraham concebe lugar importante à descrição dos estágios (oral, anal, genital), é que os concebe sobretudo como posições ocupadas sucessivamente pelo indivíduo em face do desejo (numa relação fantasmática com um objeto). É neste sentido, nas pegadas de Abraham, que as pesquisas de Melanie Klein se processarão. Ela descreverá situações de angústia sobrevivendo a tal ou qual etapa da história do indivíduo, dum indivíduo marcado pelo efeito produzido nele por certos acontecimentos biográficos, sobretudo palavras, palavras que procura esquecer, anular ou realizar, segundo conduzam à potência de um certo mito familiar.

sação. É essa decifração do discurso inconsciente que será utilizada na *Ciência dos Sonhos* e na análise do *Homem dos Ratos*. Somos assim introduzidos na leitura do sintoma (obsessivo ou histérico) que o indivíduo nos dá.

Freud<sup>6</sup> pedia à análise de crianças uma confirmação de suas hipóteses teóricas. Apreciava nela a riqueza de observações e é nisso que os trabalhos de Hug Hellmuth, que vinham apoiar suas próprias descobertas na sexualidade infantil, fixavam a atenção. Alguns anos mais tarde, as observações de Anna Freud e de Burlingham na *Hampstead War Nursery* trarão, confirmando os efeitos irreversíveis de certas condições de vida, uma preciosa contribuição às hipóteses teóricas de Freud. Não obstante, a possibilidade de tratamento dos casos graves perdurará por muito tempo incerta: os psicanalistas admitiam a título científico fatos de experiência e de observação que confirmavam as concepções de Freud; mas eles manifestavam certa "resistência" em utilizar suas descobertas, aplicando-as ao processo de uma cura; é assim que Hug Hellmuth praticava a análise, sem nela fazer entrar o conteúdo recalçado, quer dizer, sem tocar no problema edípico. Freud mostrou, desde 1909, que partido cumpriria tirar de suas descobertas na cura de uma criança.

Ele tinha, nessa época, em tratamento, o pai de um menino de cinco anos, Hans, que sofria ele próprio de angústia fóbica. Freud aceitou vê-lo em diversas ocasiões, confiando ao pai, todavia, um papel de observador e de intermediário: o pai tinha por missão registrar os fatos e os comentários cotidianos do filho, e Freud se encarregava de lhes revelar o sentido, para que o transmitisse a Hans. A criança situa, logo, o "Professor Freud" num lugar de Pai simbólico, e é na palavra vinda deste lugar que procura aceder à verdade do seu desejo. Hans, bastante consciente do drama edípico que está em via de viver, vê-se embaraçado com a idéia de que o adulto não quer que ele saiba o que de fato sabe (os mistérios da procriação etc.). Freud, situando o ciúme edípico de Hans numa história,<sup>7</sup> introduz um mito que será retomado por Hans sob formas diversas até a sua cura. Hans sente que tem ali um fio condutor; é então, em torno de certos termos<sup>8</sup> e através das fantasias de castração,

<sup>6</sup> Freud, *The Psychoanalytical Movement*, p. 375. Freud insiste, desde 1914, no fato de que toda análise, e especialmente toda análise de crianças corretamente conduzida, deve permitir que se distinga a exatidão das bases teóricas sobre a qual a análise se funda.

<sup>7</sup> "Muito antes de você nascer ... eu sabia" etc.

<sup>8</sup> Em torno de significantes: o nome do Pai, o falo etc.

que ele reorganiza a sua história edípica. E é aí que a cura so-  
brevém. Freud faz assim a demonstração da eficácia que se  
obté, conduzindo, na cura, as tendências inconscientes à cons-  
ciência.

A psicanálise de crianças se revela desde então uma empre-  
sa realizável. A análise de Hans, mostrando que a interpretação  
é possível com uma criança, se constitui como o primeiro mo-  
delo do gênero. Enquanto analista do pai de Hans, Freud não  
podia na época impedir que o tratamento da criança não tives-  
se como efeito acentuar a desunião do casal — a problemática  
dos pais, nos seus efeitos fantasmáticos, não foi ainda estudada.  
O pai de Hans estava, com seu filho, ligado a Freud num plano  
imaginário. Cada qual rivaliza no que pode trazer ao "Profes-  
sor Freud". O interesse de Hans se desloca das mulheres de  
sua casa para as da casa de Freud. A mãe, sem disso ter cons-  
ciência, sente-se então excluída e intervém sem cessar através de  
uma palavra que *prejudica* o trabalho efetuado por Freud. Como  
Hans não pode contar com a mãe, é então uma empregada, a  
quem pode falar de sexo sem chocá-la, que vai representar para  
ele o papel de substituto feminino. As voltas com as dificulda-  
des que deve superar sem ajuda, a mãe de Hans se debruça so-  
bre a filhinha e toma uma mulher por confidente: em seu uni-  
verso, não há mais lugar para a palavra de um homem; sabe-se,  
aliás, que ela deixa um dia o lar, para viver sozinha, sem ho-  
mem. Sem dúvida, o divórcio teria sido evitado se Freud hou-  
vesse sido mais atento às queixas maternas: essa mãe, a quem  
a análise arrancou o marido e depois o filho, só encontrou uma  
amiga (ignorante das questões analíticas) como confidente. Os  
pais se acharam em situação homossexual regressiva: era a sua  
maneira de participar dos problemas trazidos por Hans. No dis-  
curso, que se processa de Freud a Hans, há um centro para o  
qual convergem os fantasmas de todos os adultos (os pais de  
Hans e Freud), em que Hans é o representante do desejo do  
adulto; <sup>9</sup> é apenas pela seqüência dos fatos, forjando seu próprio  
instrumento de cura, seus mitos, que ele consegue a própria in-  
dependência. A mãe, infelizmente, respondeu no plano da rea-

<sup>9</sup> Do desejo do pai de Hans por Freud e do interesse teórico que  
seu "caso" representa para as pesquisas de Freud.

lidade por um "abandono" à independência de Hans. Se nessa  
época Freud não podia vislumbrar toda a complexidade da si-  
tuação em que seu paciente o envolvera, é todavia de notar-se  
que nos dá a descrição impecável dela. Tornando-se o analista  
do pai e do filho sem que fosse ouvida a palavra materna, Freud  
se introduziu como terceiro no seio do casal, satisfazendo (mais  
do que o haveria desejado) os fantasmas de seu paciente. Não  
se julgou à altura de poder ajudar a mãe a suportar uma situa-  
ção de que ela não percebia o sentido e cujos efeitos se traduzi-  
ram por uma hostilidade mais e mais acentuada em face dos  
homens.

Os analistas levaram tempo para compreender onde se si-  
tuava a importância da contribuição freudiana em psicanálise in-  
fantil. Parecia-lhes que a criança escapava a uma verdadeira  
investigação analítica, pois, nos adultos, tinha esta por objeto  
a pesquisa das lembranças infantis, ao menos assim se acredi-  
tava; foi, então, à realidade da criança que se entregavam, atra-  
vés de perspectivas médico-pedagógicas diversas, notadamente  
sob o impulso de Pfister. Ora, na análise do pequeno Hans,  
Freud separava claramente o lugar ocupado pela criança no fan-  
tasma maternal.<sup>10</sup> Relendo esse texto, ficamos impressiona-  
dos com o modo por que os problemas de Hans produziram um  
efeito no inconsciente dos adultos. A criança é o suporte da-  
quilo que os pais não podem enfrentar, o problema sexual. Ela  
revela o que se deseja manter oculto e cria embaraço para o  
casal (a empregada, que tem aparentemente uma vida sexual  
satisfatória, é muito menos atingida). O que é notável na aná-  
lise de Hans é ver a que ponto pela sua só presença a criança  
põe em jogo não tanto a relação dos pais com a sua pessoa como  
a relação de cada um dos pais com a sua própria problemática  
pessoal e isso a ponto de que o casal se vê por fim impossibilita-  
do em face de sua própria sexualidade. Mas a situação a que  
o analista é assim confrontado permanece estranha a toda rela-  
ção interpessoal, porque se trata finalmente da relação do su-  
jeito com o desejo. Relação tornada particularmente complica-

<sup>10</sup> A mãe, rejeitando na realidade o filho (e em seguida todos os  
homens), marcava a sua impossibilidade de renunciar ao objeto imaginário  
que constituía para ela o seu filho enquanto substituto fálico.

da no caso de Hans, na medida em que lhe cumpre atravessar o campo do desejo dos pais para ter acesso à verdade do seu próprio desejo e onde a mãe lhe fecha tal acesso, opondo-lhe seu desejo inconsciente: <sup>11</sup> que ele seja fálico para ficar eternamente cativo de seu olhar de admiração. Ela lhe recusa uma sexualidade de homem e fá-lo saber muito claramente por meio de palavras, dando-lhe a entender que ela não deseja nenhum homem. É, pois, a partir da palavra materna que Hans se vê perturbado diante daquilo que ele próprio deve articular para transpor a etapa edípica. O gênio de Freud é ter sabido distinguir que não se tratava tanto da confrontação de Hans com o real, mas de sua capacidade de enfrentar uma ordem de dificuldades não-resolvidas em seus pais. O discurso de Hans faz parte, assim, de um discurso coletivo, cada um participa de um medo imaginário num mundo fantasmático. A aparição da doença de Hans pode considerar-se como a aparição daquilo que está errado nos pais. Não se podia, pois, cuidar de Hans sem abalar todo um edifício. Esta é a noção que será desenvolvida mais tarde pelos analistas da Escola kleiniana (especialmente A.-A. Pichon Rivière).

Desde a sua primeira análise de crianças, Melanie Klein tem a atenção despertada pela forma como o indivíduo situa sua própria pessoa e sua família num mundo de fantasias. Mostra-nos como a criança transforma a realidade do que vive em função de seus temores, de sua culpabilidade, de suas defesas, ou ainda dos sentimentos agressivos que o animam. Certos analistas, como A. Freud, estudaram as dificuldades apresentadas pelas crianças, analisando-as numa relação interpessoal marcada pela oposição, a hostilidade ou o medo. Melanie Klein

<sup>11</sup> *Vontade (Wunsch, Wish)*. Freud distingue na *Traumdeutung* o desejo da *tendência*: o desejo se opõe à necessidade e revela o que há de enganador na inveja. Mostra que a vontade ou aspiração que se exprime num sonho pode levar a um *desejo* que se articula em um discurso enganador, farsante, mistificador. Toma como exemplo o sonho de uma histerica exprimindo um desejo de comer caviar, e nos faz ver que esse desejo de caviar leva o sonhador, por um processo de substituições, ao desejo de ter um desejo insatisfeito. Lacan vincula o desejo à marca da linguagem, faz dele a especificidade do inconsciente freudiano (*Ecrits*, p. 620).

aprofundou as noções de instâncias psíquicas desenvolvidas por Freud e sublinha o que se passa no registro inconsciente. O que a impressiona são os efeitos precoces produzidos pela severidade do superego na criança. Freud já havia mostrado a função desempenhada pelo superego na repressão das pulsões incestuosas e parricidas de Édipo. Ele via aí a origem do medo inconsidrado de certas crianças pelo ascendente do mesmo sexo, medo que se transforma em ameaça interna, para se projetar em seguida num mundo exterior percebido desde então como perigoso. A partir dessas noções que se haviam perdido de vista na análise infantil, Melanie Klein encontrou, para abordar os casos psicóticos, pistas novas, <sup>12</sup> hoje muito conhecidas.

As idéias, que ela desenvolve, são as de seu mestre Abraham <sup>13</sup> e as de Freud, que retoma em 1917, em *Luto e Melancolia*, as descobertas de Abraham. Melanie Klein não se ocupa do comportamento do ponto-de-vista real, ela rompe com os critérios de adaptação e de educabilidade que serviam de orientação a Anna Freud. Introduce sua questão estudando o vínculo fantasmático mãe-filho numa situação dual e põe em relevo a acuidade da tensão destrutiva que acompanha a pulsão do amor. Essa noção já fora introduzida por Abraham e Freud; eles haviam salientado a importância do *jogo de oposição* na noção de relação de objeto, quer dizer, a equivalência paradoxal de termos aparentemente contrários: bom-mau, dar-receber, conservar-destruir.

<sup>12</sup> Melanie Klein descreve como é na extremidade do complexo de Édipo que a criança projeta sua agressão sobre um dos pais, que, na sua fantasia, se torna um papão introjetado e como tal forma seu superego. Distingue duas etapas importantes na vida da criança: a posição *paranóide-esquízóide*, que situa nos primeiros meses da vida e se caracteriza por uma ansiedade persecutória, e a posição *depressiva*, cujo ponto culminante se situaria no meio do primeiro ano. A ansiedade depressiva normal pareceria ser o resultado de uma espécie de síntese do indivíduo, procurando sair de uma situação de alternativa sem saída (traduzida na linguagem kleiniana sob forma de bons e de maus objetos). As reações patológicas se exprimem sob a forma de defesas maníacas, a menos que o indivíduo não volte a uma posição persecutória mais precoce. Essas pistas vão servir de guia a Melanie Klein na orientação de suas curas, particularmente com os psicóticos.

<sup>13</sup> Cf. G. Rosolato e D. Widlocher, *Karl Abraham*, em *A Psicanálise*, n.º 4.

Eis as idéias que Melanie Klein retomará no seu estudo sobre o sentimento de culpabilidade na criança.<sup>14</sup> Insiste na noção de ambivalência, quer dizer, na presença da intenção agressiva em todo impulso de amor. É essa situação inconsciente, desconhecida da criança, que a impele, em certos estados de crise, a tentar reparar um desgosto imaginário que crê haver infligido à mãe. Essas noções permitem compreender o que se passa em certos estados psicóticos, em que o sujeito se debate com idéias de perseguição, quer dizer, com intenções homicidas ou suicidas que o levam a defender-se de modo compulsivo contra a sua própria projeção agressiva (quer dizer, contra um perigo inexistente na realidade). Para Melanie Klein, a criança divide assim o mundo em "bons" e "maus" objetos. Fá-lo representar alternativamente um papel de proteção ou de agressão contra um perigo que situa às vezes nela mesma, às vezes fora dela.

Lacan<sup>15</sup> procurou precisar o alcance das idéias kleinianas: a dialética dos bons e maus objetos se traduz para ele na linguagem do desejo, liga-a ao duplo discurso inconsciente de que fala Freud (em que o "como é belo" do discurso materno manifesto se superpõe ao "que morra" do discurso recalcado). O objeto mau kleiniano situar-se-ia assim, para ele, em certo lugar no imaginário, entre os dois elos do discurso manifesto e do recalcado. É sem dúvida no campo da palavra que toda a obra kleiniana ganharia assim em ser retomada; ela foi muitas vezes extraída de uma pretensa realidade da experiência vivida. Melanie Klein foi continuamente constrangida em seu trabalho pelo peso da influência behaviorista. É através de seus equívocos de exposição que se encontra a trama do que a guiava no plano clínico — a saber, os efeitos, junto à criança, do jogo do significante.

<sup>14</sup> D. W. Winnicott, "Psychoanalysis and the Sense of Guilt", em *Maturational Processes and the Facilitating Environment*, Hogarth Press, 1955.

<sup>15</sup> J. Lacan, seminário de 28 de janeiro de 1959 (inédito) e de 17 de junho de 1959 (inédito).

Laing parte duma atitude inaugurada por Binswanger.<sup>16</sup> Este pusera em relevo o drama existencial do doente mostrando que o sintoma se dirige a outro, se desenvolve com e por outro. Laing, este vê a posição da criança não tanto numa relação interpessoal quanto num fantasma, o fantasma da mãe. Procura, a partir de casos clínicos, precisar o conceito de identidade do indivíduo,<sup>17</sup> como se pode ver no exemplo seguinte:

Trata-se de um menino de quatro anos, chamado *Brian*, que é levado pela mãe a um casal, em vista de uma adoção. A mãe abraça o menino, chora e se afasta sem uma palavra. *Brian* não a reverá mais. O menino está desarvorado, não quer que o casal seja seus novos pais. Estes procuram impor-se dizendo-lhe: "És nosso filho." O menino não o admite; torna-se temperamental e, pouco a pouco, francamente inadaptado.

*Brian* não sabe mais *quem ele é*, explica-nos Laing. Sua primeira identidade era a de ser o filho de sua mãe. Uma vez desaparecida essa mãe, espera seu retorno para saber de novo quem é. Durante a ausência, ele é aquele que espera, não pode ser outra coisa. Se *Brian* não sabe mais quem é ele, sabe no entanto o que ele é: é mau (pois a mãe se desembaraçou dele) e Laing, numa longa análise, nos mostra que é sobre essa convicção que o menino traumatizado pelo abandono vai construir sua vida: "Agora, que sou reconhecido como mau, não há senão ser mau", dirá *Brian* mais tarde.

Se Laing entreviu a importância do papel representado pela criança no fantasma maternal, não tirou, porém, todas as consequências que podia ter tirado dessa pesquisa; e seu estudo sobre a identidade deveria, por essas razões, poder ser levado mais longe.

Entre o *quem sou eu* e o *que eu sou* formulado por *Brian*, introduz-se uma ruptura que o autor não valorizou suficientemente, talvez. No passado que ligava *Brian* à mãe, havia as palavras maternas, as que o definiam como seu filho. Perdendo

<sup>16</sup> Foi antes de 1920 que Binswanger introduziu a psicanálise na clínica psiquiátrica. Procurou repensar a estrutura hospitalar tradicional e criar para o doente mental um meio de vida que se aproximasse do normal.

<sup>17</sup> Laing, *The Self and the Others*, Tavistock, 1961.

a mãe, Brian guardou em si essas referências passadas, que o situavam em certa linhagem. O traumatismo é exatamente essa maneira pela qual o menino se vê projetado em outra linhagem, sem nenhuma palavra de explicação. É aí que se organiza o drama. É preciso desde então que o menino se construa a partir de uma palavra excludente. "És nosso filho", dizem-lhe os pais adotivos. Mas a mãe tornou essa passagem impossível, porque não lhe significou em palavras que ele não era mais seu filho. Brian vai desde então afirmar-se como mau (conforme o que dizem dele os novos pais). Por outras palavras, fazendo *no plano da realidade* tábua rasa do passado, os adultos se esqueceram de que o *discurso do passado* permanecia inscrito no inconsciente do menino e continuava a produzir seus efeitos ao nível do sintoma. A situação traumatizante não pode ser compreendida a não ser por referência ao duplo discurso da mãe (as palavras maternas, antes do abandono, deviam já conduzir, em um de seus níveis, o menino a uma forma de maldição ou de ódio).

Noutro estudo, Laing nos propõe diferentes discursos maternos em que se pode ler de que modo se introduz na criança uma situação esquizofrênica. Esses trabalhos têm o mérito de propor tudo o que até então fora desenvolvido em termos de ambiência. É impressionante ler essas infâncias de esquizofrênicos evoluindo desde a sua mais remota idade sob um fogo cruzado de ordens contraditórias. Uma vez que todo pedido materno se duplica num desejo contrário, a única escolha deixada à criança é a de uma submissão ao desejo materno: que a criança não nasça para o desejo.

Estas pesquisas vinculam-se a uma linha analítica para a qual convergem os esforços de diferentes teóricos para chegar à fonte da inspiração freudiana, que é apenas uma volta ao estudo do discurso inconsciente. A psicanálise infantil se deixou regularmente prender na armadilha de uma ideologia pedagógica, social ou moral. Vimos como, desde o início, dois movimentos de idéias têm coexistido: se a criança é, às vezes, estudada como um objeto real, é também captada no ponto em que aparece no discurso do adulto, e a criança surge então no mundo do fantasma. Deparamos com esse problema cada vez que

nos ocupamos de crianças: a análise é então confrontada à sua própria representação da infância e o peso das suas motivações inconscientes se refletirá na orientação dada à cura; a criança e sua família interpelem o analista no que há nele de mais antigo como temores, defesas e angústia — é sem cessar levado a um plano em que se opera a confrontação de cada um ao problema do desejo, da morte e da lei.

Quando Freud<sup>18</sup> nos fala do lugar que ocupam os pais na infância do indivíduo, sublinha que se trata menos de suas qualidades reais do que daquilo que os marcou, também a eles, na infância. (Erikson<sup>19</sup>) atribui essa dependência do sujeito à "marca",<sup>20</sup> ao papel inconsciente representado pelas diferentes formas de ideais do eu, quer dizer, aos *slogans* que prevaleceram em um período da vida familiar. Assim, confirma-se a idéia de que os conflitos se desenvolvem em torno de palavras veiculadas; estas escondem o medo do paciente de que seja descoberta a fragilidade de sua identidade ideal. A compreensão das resistências surgidas do conflito do eu ideal permitiria a revelação de um núcleo mais antigo, constituído por um "medo de perder identidades ganhas duramente". Aí é que se situa certamente a contribuição mais original de Erikson. Localiza a identidade num contexto histórico. Contrariamente a Laing, Erikson pensa que a criança desenvolve muito cedo uma identidade separada da do casal genitor e, diz ele, renuncia a ela por angústia, às vezes, substituindo identificações cegas. A carência dos pais pode ser aceita pela criança se se chega a fazer representar na cura um para lá da imagem real dos pais (é o que Lacan introduz sob a expressão de "dimensão simbólica"). As pesquisas de Erikson prendem-se assim aos trabalhos da Escola kleiniana: preocupado em mostrar que é possível introduzir, com as crianças, um estilo de análise que se aproxima da análise de adultos, insiste no lugar que é preciso dar ao *não-dito* na constituição

<sup>18</sup> Freud, "An Outline of Psychoanalysis", em *International Journal of Psychoanalysis*, XXI.

<sup>19</sup> Erik H. Erikson, *Childhood and Society*, W. W. Norton Nova York, 1963. (Edição brasileira: *Infância e Sociedade*, Zahar, 1970)

<sup>20</sup> Lacan aborda este problema como a relação do indivíduo ao significante.

do sintoma, voltando assim, em seguimento ao exemplo de Freud, ao estudo do discurso sintomático.

Vimos que, desde a época de Freud, um movimento se esboçou para salvar a análise do impasse organicista e pedagógico em que corria o risco de perder-se. Essas posições teóricas sucessivas influenciaram o início clínico dos casos. Diferenças nos níveis de interpretação apareceram: a técnica sublinha em particular a expressão *lúdica* ou a palavra. Mas esta oposição deve ser ultrapassada: pois o jogo, numa análise, deve ser compreendido não ao nível de uma experiência vivida (com efeitos catárticos, como no psicodrama), mas como um dos elementos ou acidentes do discurso que se mantém. Nessa perspectiva é que se situavam já as observações de Freud a respeito deste ponto.

Foi em (1908<sup>21</sup>) que Freud falou pela primeira vez do jogo na criança; compara-o à criação poética. A criança, diz ele, cria pelo brinquedo um mundo dela ou, mais exatamente, reordena às suas idéias as coisas deste mundo. Em (1920)<sup>22</sup> a atenção de Freud é despertada para o problema posto nas neuroses pelo princípio de repetição. Parece-lhe que as atividades lúdicas são submissas ao mesmo princípio. A criança procuraria assim dirigir pelo jogo experiências desagradáveis, quer dizer, reproduzir uma situação que foi originalmente penosa. Na repetição, o indivíduo dá sua concordância, *refaz o que lhe foi feito*. Freud nos traz uma observação que vai tornar-se capital: descreve a situação de uma criança de 18 meses ocupada em brincar de "*fort-da*".\* Em certos instantes do dia, diz Freud, essa criança, aliás precoce e bem adaptada, lançava num canto da peça ou debaixo da cama todos os pequenos objetos que lhe caíam sob a mão. Com a fisionomia satisfeita, emitia um longo som "ooooó"

<sup>21</sup> Freud, *The Poet and Daydreaming, Collected Papers*, vol. IV, p. 174.

<sup>22</sup> Freud, "Au-delà du principe de plaisir", em *Essais de Psychanalyse*, Payot.

\* Vocábulos da língua alemã que significam *sumiço* (*fort*) e *preença* (*da*), configurando as situações *desaparecimento* e *aparecimento*. (N. do E.)

que, segundo a mãe, significava "vai-te embora" (*fort*). A criança brincava de vai-te embora.

Alguns dias depois, Freud observa o mesmo garoto brincando com um carretel preso a um barbante. Seu brinquedo consistia em lançar o carretel, acompanhando o gesto dum "ooooó", e em puxá-lo para si, saudando o retorno do brinquedo com um alegre "*da*" (aqui). Tratava-se, diz Freud, de um brinquedo completo, centrado em torno da presença e da ausência, o que se confirmou outro dia em que o menino saudou a volta da mãe com "*Baby oooooó*". Freud captou enfim todo o sentido dessa experiência no momento em que pôde observar isto: a criança, durante longas horas solitárias, inventara outro brinquedo — descobriu sua própria imagem no espelho e brincava de fazer-se desaparecer.

Depois de ter assim de início brincado de fazer desaparecer a mãe, a criança, num segundo tempo, brinca de se perder. Há aí, no plano do que está em jogo na identidade, dois movimentos: de um lado, a criança ligada à mãe parece esperar-lhe o retorno para poder novamente viver independentemente dela; mas, de outro, tudo nos indica desde o início que a criança está de posse de uma autonomia suficiente para não sentir-se desorientada pela partida da mãe — e o que ela faz surgir é uma palavra, provavelmente a da mãe anunciando-lhe a partida: o brinquedo é pontuado de um "vai-te embora" (*fort*) e de um "eu estou aqui" (*da*). Provavelmente, é em relação às palavras da mãe que a criança procura situar-se. Desaparecida a mãe real, põe a criança à prova o caráter mágico da palavra (a mãe desapareceu, mas a palavra permanece). Pode em seguida brincar de fazer-se desaparecer, pois está certa do retorno da mãe. O primeiro conhecimento que toda criança tem da mãe é que ela aparece ao seu apelo, para desaparecer em seguida. É sempre na perspectiva de não estar ali que a mãe desejada pela criança surge. É esta dimensão que a criança procura, parece, reproduzir no seu jogo. Quando brinca de desaparecer por sua vez, trata-se dela enquanto imagem real; uma palavra, porém, subsiste. O que aparece no jogo do "*fort-da*" é a dimensão simbólica na relação mãe-filho. Porque essa dimensão simbólica existe, um domínio pode ser adquirido, a criança realizando então nela própria o abandono e a rejeição, numa perspectiva de toda a potên-

cia infantil: é aquela que é abandonada e que rejeita, conservando nela uma imagem suficientemente tranquilizadora da mãe, para que possa, no plano do real, não morrer com a partida dela.

Assim, de 1908 a 1920, Freud trata o brinquedo como uma criação poética, descobre depois o papel exercido pelo princípio de repetição como função de domínio de situações desagradáveis. O jogo da criança é apresentado como um texto a decifrar (Freud indica mesmo o lugar que aí ocupa o espectador); é entrevisto como uma atividade investida emocionalmente pela criança, e suscetível também de emocionar o adulto se atinge certa qualidade de criação estética. Encontramos reunidas nessas diferentes observações as condições para uma observação rigorosa da criança, e mesmo para a utilização dessa observação numa cura. A expressão lúdica é considerada como "séria" porque é sublinhada por uma modulação ou uma palavra.

A Escola americana retomou as intuições de Freud sob o nome de "play therapy" — mas, de certo modo, o sentido da contribuição freudiana foi traído. Para Anna Freud (1928), que não trabalha com o inconsciente infantil, mas com o seu eu, não pode haver expressão fantasmática em análise. Margaret Lowenfeld (1929) rejeita toda dimensão analítica, sua orientação é psicofisiológica: <sup>23</sup> não pode ver no brinquedo da criança a não ser formas motoras. Um pouco por toda parte se criaram nos Estados Unidos lugares de "play therapy" não-dirigida. As crianças são convidadas a brincar, destruir, danificar, sem que nada do que fazem seja positivamente interpretado. Vêm para "descarregar emoções".

Depois de haverem acreditado que esse método iria poder curar os males mais tenazes, certos americanos rediscutiram suas posições para confessar <sup>24</sup> que a "play therapy não-dirigida, subjetivamente cheia de promessas, encontra sérias lacunas no plano metodológico". Com Erikson, <sup>25</sup> volta-se a Freud: a criança

<sup>23</sup> Cf. os trabalhos de Adolf G. Woltmann, em *Child Psychotherapy*, Basic Books, 1964.

<sup>24</sup> Dell Lebo, em *Child Psychotherapy*, p. 430.

<sup>25</sup> Adolph G. Woltmann, "Varieties of Play Techniques", em *Child Psychotherapy*, Basic Books, 1964.

testemunha no brinquedo a sua posição psicológica numa situação de perigo (o que corresponderia a mecanismos de defesa), a criança exprime no jogo seus malogros, sofrimentos e frustrações, mas isso supõe uma linguagem do brinquedo, linguagem que Erikson compara aos dialetos culturais, aos dialetos de idade. É essa linguagem que o analista deve chegar, segundo ele, a traduzir. Todavia, encontramos na análise tão pertinente de Erikson a presença de duas concepções que nem sempre se conciliam. Se o brinquedo é, para ele, linguagem, o acento é posto igualmente na "configuração do comportamento", as observações sendo então classificadas em "descrições morfo-analíticas". Erikson, embora trazendo observações de "bom senso", procura salientar o processo a seguir pelo terapeuta, se quer chegar a compreender o sentido da situação. O jogo é assim visto como um texto cuja decifração se faria quer por leis (as da lingüística), quer como um fato etnográfico, e trata-se então da situação de uma criança em um momento de sua história, em certas condições culturais precisas. Esses dois processos poderiam, aliás, não excluir-se, à condição de levar com rigor os dois estilos de abordagem a uma estrutura da linguagem, o que Erikson não faz. Divide-se êle entre influências filosóficas diversas e poder-se-ia criticá-lo — no plano teórico — por não ter feito uma opção bastante clara.

Sabe-se como Melanie Klein introduziu desde 1919 o brinquedo na análise de crianças, respeitando, tendo em vista o sentido da cura, o caráter rigoroso da análise de adultos. Ela utiliza multidão de pequenos brinquedos e atribui à sua escolha certa importância. A interpretação que dá, dizem alguns, é uma interpretação de símbolos. Estaria aí, por certo, o lado mais fraco da teoria kleiniana. Considerada sob tal aspecto, a obra de Melanie Klein apareceria como uma caricatura da análise; no entanto, esta maneira de compreendê-la trai seu pensamento.

Mas voltemos à observação descrita por Freud em 1920. A criança, dissemo-lo, pontua com uma palavra o que poderia ser interpretado como rejeição e retorno da mãe. São estas palavras *fort, da*, que introduzem uma terceira dimensão: para lá da ausência da mãe real a criança encontra através de um vocábulo a mãe simbólica. É em seguida com o seu corpo que a mesma criança vai experimentar o jogo da própria perda, do

próprio retorno, quer dizer, colocar, em relação ao corpo da mãe e ao seu próprio corpo, as bases da sua identidade. Mas o campo em que se move é um campo de palavras, o que aí se depara veiculado é a linguagem materna. O objeto sobre que a criança opera é um objeto indiferenciado: lança todos os pequenos objetos ao alcance de sua mão, ou os substitui por um carretel. Esses objetos substitutivos não são símbolos, mas significantes — quer dizer, podem ser em si mesmos algo (não são "parecidos"), só o uso que a criança faz deles esclarece a relação com a mãe — a experiência que faz não só da presença e da ausência materna, mas ainda do que intervém como falta na relação com a mãe (o falo). Nenhuma necessidade existe, pois, para a criança ter um arsenal de brinquedos. *O sentido pode criá-lo não importa com quê.*

O texto que nos oferece é uma linguagem; nessa sintaxe operam mecanismos de superdeterminação, de que cumpre chegar a compreender os efeitos, que se exercem ao nível do texto.<sup>26</sup> A criança apresenta-se, sem dúvida, com gestos, motricidade, uma atitude cheia de significações. Mas nossa atenção de analista se fixa *num discurso que apenas em parte é verbal.*

Repitamo-lo: para decifrar o texto, devemos integrar nele nossa resistência e o que, na criança, faz o quadro à sua palavra — mas temos também de compreender quem fala, porque o sujeito do discurso não é necessariamente a criança. É seguindo esta linha que encontramos o sentido da mensagem freudiana, mensagem sem cessar perdida e que incessantemente deve ser retomada.

<sup>26</sup> Lacan, cf. "Situation de la Psychanalyse en 1956", *Ecrits*, p. 459.